

IMPACTO DOS TESTES SOBRE OS SISTEMAS E OBJETIVOS EDUCACIONAIS: A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA *

HERALDO MARELIM VIANNA **

O impacto dos testes, no contexto da educação brasileira, assim como as prováveis influências que esses instrumentos de mensuração possam exercer sobre os objetivos educacionais são aspectos a considerar com extrema cautela, porquanto, geralmente, costumam gerar polêmicas emocionalmente orientadas e sem maiores conseqüências, especialmente no que diz respeito à análise dos problemas e à possibilidade de encontrar caminhos que conduzam a uma solução racional dos mesmos.

Quando se considera a evolução histórica da avaliação educacional no Brasil, observa-se que a utilização de testes, entendidos estes como provas do tipo objetivo, somente adquire algum significado e passa a exercer alguma influência a partir de meados da década de 60. Anteriormente a essa época, a aplicação de testes objetivos de escolaridade constituía rara exceção e resultava, na maioria das vezes, do esforço experimentalista de elementos isolados, geralmente influenciados pela literatura pedagógica norte-americana, que, no pós-guerra, passou a exercer considerável influência na vida educacional brasileira, substituindo a francesa, que dominara a cultura do Brasil a partir do século XIX.

O público leigo em geral, assim como parcela da comunidade acadêmica, com apoio dos meios de comunicação de massa, atribuem muitas das atuais deficiências do ensino, em seus diferentes níveis, ao emprego de testes objetivos na medida da aprendizagem escolar. Essa posição, conforme será posteriormente discutido, é duvidosa. Existe, é forçoso reconhecer, uma crise geral na educação; por outro lado, essa mesma crise não exclusivamente nacional e resulta de um concurso de forças, que, por sua vez, refletem a problemática da própria sociedade em que vivemos. Os testes e suas possíveis conseqüências são muitas

vezes invocados para justificar ou tentar explicar problemas que, na verdade, resultam de uma crise de todo o sistema educacional, para não dizer da nossa própria civilização, e da nossa incapacidade para solucioná-los.

Evitou-se uma posição que pudesse ser considerada como taxativa, no que diz respeito às conseqüências dos testes, isto porque, no contexto da educação brasileira, grande parte das afirmações e, o que é mais grave, a quase totalidade das decisões educacionais resultam de impressões pessoais, não fundamentadas empiricamente. Na área da mensuração educacional, a situação é crítica, — constroem-se e aplicam-se testes sem que se saiba o que realmente medem. Supõe-se que sejam válidos, mas não existem provas concretas dessa validade.

Numa sociedade em transição, como a brasileira, a pesquisa educacional nem sempre consegue definir com exatidão os seus objetivos prioritários. Pesquisa-se, sem dúvida; milhares de pesquisas são realizadas, sobretudo para atendimento de exigências relativas às dissertações de mestrado e às teses de doutoramento, mas essas pesquisas pouco ou nada contribuem para facilitar a tarefa do professor — o verdadeiro destinatário dos trabalhos de pesquisa — e a torná-lo mais eficiente como orientador da aprendizagem. Em relação aos testes, suas características e propriedades como instrumento de medida e, sobretudo, às possíveis implicações do seu uso, pouco ou quase nada é realizado no campo de pesquisa. Discute-se, geralmente, com base em hipóteses não verificadas. E algumas dessas hipóteses serão consideradas na presente comunicação.

O uso do teste em larga escala está associado, no contexto educacional brasileiro, ao ingresso nas universidades, que, na década de 60, começou a sofrer pressões de grandes massas de candidatos para um número reduzido de vagas. A universidade brasileira não conseguiu acompanhar o vertiginoso crescimento demográfico do País e a escola de ensino médio não estabeleceu alternativas de profissionalização que dessem a esse nível de ensino um caráter de termina-

* Comunicação apresentada na reunião anual da International Association for Applied Psychology e da International Association for Educational Assessment, em Munique, Alemanha, agosto de 1978.

** Do Departamento de Seleção de Recursos Humanos da Fundação Carlos Chagas.

lidade, apesar da existência de um ensino supostamente profissionalizante e de caráter compulsório. A universidade, em decorrência dessa atuação, constituiu o principal objetivo de todo jovem interessado numa situação profissional específica. Algumas centenas de milhares de candidatos tentam, anualmente, conseguir vagas nas universidades, especialmente nas mantidas pelo Governo, que oferecem ensino gratuito. A fim de enfrentar essa situação dramática, as universidades passaram a aplicar testes organizados com itens de múltipla escolha. Os exames de ingresso costumam provocar verdadeira comoção social; desse modo, a introdução de testes objetivos nesse exame gerou uma cadeia de acontecimentos, que, por sua vez, provocou reações críticas.

A escola de ensino médio, que até essa época ignorou quase completamente a existência dos testes objetivos, passou a utilizar esse tipo de instrumento em quase todas as verificações da aprendizagem escolar. Testes para todos os fins, com diferentes níveis de comprometimento científico, passaram a ser elaborados por professores. A antiga escola primária também adotou o sistema de testes e, assim, por influência do tipo de exame estabelecido pela universidade, o sistema educacional ignorou outras práticas de avaliação educacional, passando a viver, euforicamente, a era dos testes.

Os testes, ora elogiados ora criticados com aze-dume, vêm sendo responsabilizados por toda uma nova orientação nos vários níveis educacionais — ensinar para o teste. Ainda segundo alguns críticos, não existiria um ensino verdadeiro, mas sim o desenvolvimento de «artimanhas» para a solução de questões objetivas. Observa-se que, realmente, na escola atual, o professor passou a preocupar-se em preparar o estudante sobretudo para a realização de exames, isto é, de testes. Alguns objetivos educacionais — proporcionar uma cultura humanística, desenvolver uma consciência crítica, entre outros — foram esquecidos e substituídos por objetivos mais imediatos, como, por exemplo, fazer com que o estudante seja aprovado nos exames de ingresso às universidades. Até que ponto essa mudança de atitude resultou de influências dos testes objetivos é assunto que necessitaria ser pesquisado.

Os livros didáticos, sobretudo os destinados ao ensino médio, também sofreram algumas modificações. Os antigos exercícios e problemas foram substituídos por «exercícios objetivos», que nada mais são do que itens de múltipla escolha, geralmente defeituosos e versando sobre matéria factual e nem sempre relevante. Isso não significa, contudo, que os livros didáticos anteriores à atual febre de testes objetivos fossem melhores ou mais bem elaborados, apenas, no momento presente, verifica-se a simplificação dos textos e, em muitos casos, os «exercícios objetivos» subs-

tituem o próprio texto. Assim, os testes objetivos que, em princípio, somente deveriam ser usados para a verificação da aprendizagem, são utilizados, entretanto, e nem sempre adequadamente, como instrumentos para a promoção da aprendizagem. Se essa metodologia de ensino é adequada e tem produzido resultados positivos, é um campo a ser pesquisado.

Aos testes são atribuídas influências diversas, em diferentes aspectos da educação. Uma delas seria relativa aos métodos de estudo, que, segundo alguns críticos dos testes, se apresentaria atomizado e visando a dominar o imediato, com prejuízo de outros comportamentos mais complexos, como, por exemplo, a capacidade de compreender conjuntos, relações e estruturas. Sem dúvida, a forma de avaliar condiciona e altera os métodos de estudo; entretanto, o assunto mereceria uma indagação mais profunda. O jovem, pelo menos no contexto brasileiro, lê e estuda pouco, vivendo submerso, no seu dia-a-dia, no mundo da comunicação de massa, que contribuiu, indiscutivelmente, para a criação de uma cultura da imagem e do som. Os testes situam-se nesse contexto, e seria desejável pesquisar até que ponto seriam elementos determinantes da falta de estímulo para o estudo.

A perspectiva da educação atual, após a introdução de testes, seria, na opinião de alguns, a mais sombria, porque os chamados testes objetivos estariam comprometendo a capacidade de expressão escrita dos jovens que formariam, no presente, uma «geração sem palavras», por sua incapacidade de expressarem-se por escrito ou oralmente. Ainda que se observe, realmente, alguma dificuldade entre os estudantes na elaboração de uma dissertação, percebe-se, pelo menos no contexto educacional brasileiro, que o problema gramatical não é o mais crítico, pois o aspecto mais grave estaria no domínio das idéias, que se apresentam algumas vezes frouxas e desconexas; outras, sem um caráter analítico. Quase nunca demonstram sensibilidade crítica. Até que ponto essa situação, se realmente existe, está sendo determinada pelos testes objetivos? É um assunto a debater e pesquisar.

Os testes representariam grave problema, na opinião de alguns, porque concorreriam para cercear cada vez mais os estudantes, impedindo-os de manifestarem suas idéias e crenças. Seriam os testes, portanto, anti-democráticos e colaborariam com o *status quo*, pois negariam a capacidade de argumentar, debater e discutir problemas. Sem querer penetrar no âmago da questão, é discutível que isso ocorra por culpa exclusiva do instrumental usado na avaliação. É possível, realmente, que em algumas áreas os estudantes não estejam sendo levados ao debate e estimulados para o exercício do espírito crítico; contudo, acreditamos que essa situação resulte de outras variáveis bem mais complexas, possivelmente de natureza social e política, e não exclusivamente do sistema de avaliação adotado.

A culpa maior dos testes estaria no fato de impedir o afloramento e o desenvolvimento de certas capacidades, sobretudo as que levam ao trabalho original e criativo. A acreditar-se nos que se opõem aos testes, estes instrumentos, além de perigosos, constituir-se-iam não apenas numa ameaça para o estudante, mas para todo o sistema educacional, porque impediriam e negariam a criatividade. Acreditamos, entretanto, que antes de atribuir aos testes a responsabilidade por muitos problemas educacionais, seria necessário responder satisfatoriamente a algumas perguntas: — a crise da educação não decorreria de uma crise geral da nossa própria civilização? — a escola, como responsável pela educação formal, não seria uma instituição inteiramente ultrapassada? — os currículos educacionais não estariam inteiramente ultrapassados em face do desenvolvimento científico e tecnológico e, por conseguinte, a escola não seria simples transmissora de conhecimentos obsoletos? — as tradicionais práticas educacionais, monótonas e cansativas, não estariam criando um espírito conformista, para tranqüilidade do *status quo*? — quais os objetivos reais da educação em nossa conflitiva sociedade? —

até que ponto a escola pode ser considerada como agência propulsora de um desenvolvimento que conduza ao respeito pela pessoa humana?

Os testes, qualquer que seja o seu aspecto formal, têm, sem dúvida, importância no atual sistema educacional; contudo, o seu impacto é limitado a fronteiras paroquiais e a sua influência sobre os objetivos educacionais possivelmente é bem menor do que lhe atribuem os que se opõem à sua aplicação. Percebe-se que a educação sofre, no momento, o impacto de diferentes forças, nem sempre de natureza conhecida, que a pressionam e provocam situações contraditórias. Sente-se, ainda, que essas forças vêm modificando, sensivelmente, os objetivos educacionais, que estariam a exigir novos posicionamentos. A educação e suas diferentes agências sofrem, sem dúvida, o impacto de um novo contexto, que se apresenta com valores diversos daqueles que a escola atual tenta transmitir, a fim de sobreviver. A educação necessita ser repensada e, talvez, quem sabe!, redimensionada para atendimento de valores que possivelmente serão diversos dos estabelecidos por nossa geração.

[Recebido para publicação em agosto de 1978]